



ENCONTROS em Lisboa

Páscoa!

Ressurreição!

A amenizar a Quaresma, em que parece que a nossa sensibilidade está mais atenta ao sofrimento, à dor, ao calvário, esteve presente, na vida da nossa Casa, a preparação para as Festas. Aleluias antecipadas para lembrar que a vida ressurrege.

Sobre as Festas, deixo a um dos nossos rapazes o cuidado de falar no assunto. As Festas são deles... Que o seu sonho nos embale e façamos o esforço para os acolher quando se deslocarem às diferentes terras transmitindo uma mensagem de Esperança.

Esta Quaresma pareceu-me muito pesada. Tudo se foi misturando: o estudo deles; alguma desorientação ou falta de adequação das estruturas escolares; o vislumbrar o futuro, onde pesa a selecção; a falta de saídas profissionais; os gritos nascidos nos bairros de lata e zonas de degradação humana... Foi também um tomar de consciência de que «filhos criados trabalhos dobrados», como diz o nosso povo. Seria tranquilizante olhar para um miúdo de 16, 17 anos sem ter que o perspectivar para o futuro... e se o futuro traz novamente a

Continua na página 3

SETÚBAL

Eles gostam de subir...

TREPAR às árvores é gosto de todos os garotos. Ao longo de quase quatro décadas, nesta Casa, tenho experimentado alguns sustos e saboreado algumas amarguras por causa desta propensão inata dos rapazes.

Eles gostam de subir ao alto. Ver longe!... Esconderem-se nos ramos das árvores! Brincar com a natureza e, nela imersos ou suspensos, divertirem-se uns com os outros.

É um prazer natural da criança.

Nós temos baloiços fortes e bonitos num parque junto à piscina, mas eles preferem os que a sua imaginação constrói, no meio da mata. De vez em quando lá vou eu encontrar uma corda, um cabo eléctrico velho, um arame atado a um alto galho de um sobreiro onde eles se penduram para se balançarem. Às vezes ralho, outras finjo que não vejo e alegro-me com o regalo deles.

Há dias sofri um terrível sobressalto. O Luís, de oito anos, brincava trepado a um sobreiro com o Miguelito, de 13, junto à piscina. Cafu, bateu com a cabeça na calçada e... ficou inanimado.

«Nem respirava!», desabafaram os rapazes. Dois deles voaram num carro para o Hospital e a senhora, muito branca e a tremer, vem ao escritório dar-me a notícia.

Era sábado à tarde.

No Hospital de Setúbal os recursos manifestaram-se insuficientes e os médicos reconheceram-no, após os primeiros exames.

A criança já respirava e o horrível pesadelo que me esmagara, começou a pouco e pouco a abrandar a força dos tentáculos.

O Hospital de S. José, em Lisboa, era agora a pequenina Esperança.

A ambulância demorara. Urgia um veículo apetrechado e era necessário também transportar um homem, em estado igualmente crítico, para outro Hospital de Lisboa, com médico a acompanhar e os imprescindíveis socorros.

Tudo em comunhão. Tudo sereno com espírito de pobreza, em recolhimento e confiança.

Uma enorme surpresa

No banco de Urgência do Hospital de S. José esperava-me uma enorme surpresa: A prontidão,

o empenhamento com que os médicos e outros técnicos se debruçaram sobre o Luís Filipe. Radiografias, Tac, análises e operação ao crânio.

Em poucas horas eu gozava o indiscreto alívio de que tudo corresse bem e havia muitas probabilidades de que o menino iria ficar bom.

Enquanto tudo se passava, colhia as impressões mais vivas do que ia acontecendo naquele banco. Os médicos, num vai-vem contínuo, pareciam estátuas andantes, compenetrados e possuídos pelos casos que iam chegando.

Que lindo espectáculo humano!... Que maravilha de valores tão evidentes!

Cantar de gratidão

No mar da dor que me banhava, ao contemplar estas raras e assombrosas cenas, enchia-me de alegria e apetecia-me cantar de gratidão pelo que me era dado observar!

Sentir-me, no meu País, com homens desta estatura inundava-me de orgulho.

Se fosse o familiar de alguém grande deste mundo não seria mais bem tratado do que este

Continua na página 3

Da contra-costa à costa

Sobrevoando o mar de
núvens
Quando o dia se aproxima
do ocaso.
O sol dura mais tempo
nosso.

No leito deste mar é noite.
No alto a luz é criativa,
Tinge de rosa o horizonte.

Ser nosso o sol é bom
Porque é de todos.
Ser nossa a terra é bom
Se for para todos.

Do fundo deste mar
Sonhou ser um mapa rosa.
Foi sonho de poder.
Se fora de servir...

Ninguém serviu melhor
Que os que sonharam.
Mal foi serem tentados
Pelo poder.

Ninguém detém a terra
Que possuíram,
Dos que se apoderaram
Sem sonhar.

E a terra mal amada
Ficou sem dono.
Os donos que ficaram
Hão-de aprender a amá-la.

Oh África infeliz,
Objecto de cobiça, não de
amor
— Quem poderá ensinar
O amor à tua gente?...

— Só se for gente de alma
sobre as núvens
Em busca de alturas sem
ocaso
Onde o horizonte é sempre
rosa
E o Dia sem fim se chama
Luz...

Padre Carlos



Malanje dia-a-dia

30/1/94

Como de costume fomos à Missa à nossa Casa do Gaiato. Tractor e carrinha, repletos. Já somos oitenta.

Na homilia lembrei o filme que ontem vimos:

— Não me mates — disse o caçador no auge do desespero.

O urso não matou, virou o rabo e seguiu pela colina. Nisto, surgiu o companheiro do caçador com a arma apontada... Este colocou a mão no

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

INCAPACITADO — Foi trabalhador da construção civil. Adoeceu. É um incapacitado cuja pensão de reforma não dá pró sustento, quanto mais para o resto.

Há muito tempo que usava óculos desajustados — com prejuízo da própria saúde. «Não posso comprar os q'ó médico receitou no Hospital de S. João! Não chega o dinheiro da reforma...»

Encaminhámo-lo para aquele Amigo, do Porto, que abre os braços aos Pobres. Por isso, ganha cem por um.

Casualmente, nesse mesmo dia, fomos companheiros de viagem. «Ele não pode andar sozinho. Cai em qualquer lado!» — esclarece a mulher.

Veio radiante. Agora tem outra disposição. E comenta: «Há quanto tempo eu andava com estes óculos... O médico até me ralhou!»

AUTOCONSTRUTORES — Na última quinzena acudimos a três, partilhando a despesa do telhado.

É gente que ganha o pão no Grande Porto, como centenas, íamos a dizer milhares, desta «bolsa de trabalho» do Vale do Sousa.

Estes homens levantam-se muito cedo. E chegam tarde. Cansados, de oito ou mais horas de trabalho. E outras quatro... — se incluímos transportes colectivos, também.

O esforço destes humildes cidadãos merece muito respeito. Não só porque produzem riqueza, como pelo sacrifício de cada um.

Na comunidade onde estamos inseridos, muitos deles — sobretudo os mais jovens — arrostam a cruz da Autoconstrução; para além do cultivo de pequeninos quintais que fabricam com amor. São promoções sociais, e espirituais, centradas na Família. As suas novas moradias trabalhadas com amigos e familiares, nos fins-de-semana. Muitas renúncias e sacrifícios que nem sempre transpiram do agregado.

Eles alertam, quando chegam à última laje... Nós vamos e vemos. Inteiramo-nos de tudo: salário, agregado familiar, ajudas, empréstimos, projecto, etc. E damos a mão consoante as necessidades. Somos uma presença fraternalmente cristã.

PARTILHA — Um cheque do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais envergonhados». Vinte dólares, da assinante 32217, do Canadá: «A Páscoa aproxima-se. Para que não fique esquecida por mim, entre os Pobres, envio uma fatia de pão. É pouco, mas com amor e fé em Deus».

Mais um cheque, da assinante 31254, de Fiães, «para a compra de remédios. Agradeço o anonimato». Outro, do Porto, assinante 13329, com a amizade de sempre.

Mais «uma migalha», da assinante 25881, de Setúbal, com muito amor aos Pobres e ao «Famoso». Assinante 59315, de Oliveira do Douro — Vila Nova de Gaia: acerto de contas do Jornal «e o resto para a Conferência de Paço de Sousa, por alma de minha mãe». Assinante 5471: «Envio esta migalhinha (10.000\$00) para ajudar os meus irmãos mais pobres do que eu. É muito pouco para as necessidades que se deparam no dia-a-dia, mas com um pouco de boa vontade — da parte de muitos — ajudaremos a resolver

Pelas CASAS DO GAIATO

alguns problemas urgentes».

Assinante 9708, de Coimbra: «Sete mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Uma ajuda à 'farmácia' que julgo ser um 'quebra cabeças' pelo preço dos medicamentos. Sei por experiência própria».

A presença habitual da assinante 5963, em serviço nos Açores, com «partilha de Janeiro/Fevereiro» — quarenta contos. E mais nove, da «Avó de Sintra» — para «a minha família do costume».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CATEQUESE — É muito importante para a nossa vida. Desenvolvemo-la bastante nesta Casa. Não só aprendemos a conhecer Deus e a Igreja como a ter atenção à educação cívica.

VISITAS — A nossa Casa é sempre muito pretendida para visitas. A medida que o tempo melhora, a quantidade de excursões aumenta. A última, foi da Escola Secundária de Castelo de Paiva. Foi «fixe». Gostámos muito.

Rui «Gordo»

AGRO-PECUÁRIA — Na Casa do Gaiato temos a sorte de quem se dedica muito às nossas vacas, à vacaria.

O sr. Silva orienta um grupo de rapazes que se preocupa com elas, com os porcos e os touros, etc.

Todos os dias bebemos o nosso leite, tão bom!, que as vacas nos fornecem. Por isso, há que as tratar e respeitar bem.

No campo, o Meno tem muito trabalho. Agora, espalha estrume e água choca pelas leiras. Por esse motivo deixou a nossa Aldeia com um cheiro um pouco desagradável...

«Coelho»

BICICLETAS — O nosso Padre Júlio distribuiu bicicletas por todas as casas, dos mais pequenos aos maiores. Simplesmente, por descuido de alguns rapazes e talvez de alguns chefes, elas ficaram paradas por um tempinho.

PRIMAVERA — Chegada a Primavera a nossa Aldeia é um mundo colorido, seja em que lugar for. As árvores e os jardins começam a ter flores cheias de beleza!

De manhã, muito fresco; mas, à tarde, aquece e os rapazes andam de manga curta.

Xavier

«BÓLIDOS» — Andam a circular, em nossa Casa, mais

bólidos (carros de rolamentos) aos domingos e durante a semana, quando temos tempos livres. A malta diverte-se muito e até se esbarram...!

CARAS NOVAS — Temos acolhido mais rapazes. Sinal de que, para a pobreza, há uma família. Recebemos o Tiago que tem dez anos. Veio de Covas (Vila Nova de Cerveira). O Paulo, com doze anos, de Paços de Ferreira. E o Carlos, de Cardigos, com nove anos.

«Anjinho»

DESPORTO — O nosso futebol não pára de rolar. Em 12 de Março, às 15.30 horas, defrontámos uma equipa de Ramalde (Gondomar). No princípio, o jogo não corria bem. As bolas não entravam na baliza contrária e havia muitas falhas na defesa. Chegámos a perder por 3-1. E parecia que tudo estava perdido, a sorte não queria nada connosco!

Na segunda-parte, a nossa equipa entrou com mais fulgor atacante, pois as ordens do técnico foram bem expressas: marcar golos e jogar certinho. Decorridos alguns minutos, os nossos tentos começaram a aparecer: 3-3. Jogo mais duro e coisas tristes, infelizmente. Houve tempo para marcar mais dois golos, um deles e outro nosso. Resultado final: 4-4.

No dia 13, recebemos um grupo de jovens da Consolata, Ermesinde. Realizámos um jogo de futebol. E para não fugir à regra vencemos por 14-2. Foi uma boa partida. Este grupo participou na nossa Eucaristia dominical, presidida por um sacerdote da Consolata. Eles passaram o dia connosco, conversaram e conheceram outros irmãos.

No dia 20, tivemos a visita dos juvenis do F. C. da Maia. Primeiro, com uma visita às instalações. Depois, as equipas dirigiram-se aos balneários, para se equiparem... Tudo pronto. Houve as fotografias da praxe e entrega de galhardetes, da parte do F. C. da Maia, a cada atleta nosso. Foi muito bonito.

Entretanto, o início do jogo. Logo nos primeiros minutos, virámos a sofrer o primeiro golo. A nossa defesa parecia que estava «adormecida». Passados alguns minutos empatámos. Praticava-se um belo espectáculo de futebol, surgiam oportunidades de golo de parte a parte. Quando ninguém contava eles marcaram dois e o resultado ficava em 3-1. Era o fim da primeira-parte. Na segunda, a nossa equipa recebeu muitas ordens do técnico (Lupricínio) para tentar marcar golos nas oportunidades que aparecessem, tendo os jogadores levado psicologicamente um «puxão de orelhas» do treinador, por causa dos erros cometidos na primeira-parte. Os tentos não tardariam a aparecer: 3-3.

Faltavam quinze minutos para o final, o jogo tomava-se ainda mais espectacular, pois os nossos jogadores davam tudo por tudo, pois vencíamos por 5-4. Antes

do apito final ainda marcámos mais um tento. Resultado final: 6-4. Agradecemos as bolas que nos deixaram.

Também agradeço a visita dos nossos Amigos da Pigalle, que mais uma vez vieram ao nosso encontro. Deixaram-me uma grande bandeira do Sport Lisboa e Benfica. Um bom presente de Páscoa! Obrigado.

Repórter X

TOJAL

CARAS NOVAS — Veio mais um. Muito contente por ter uma família nova e novos colegas de escola. Já com doze anos, e vindo do Estoril, quer estudar para poder ser algo na vida. Por isso tem que se esforçar muito...

ESCOLAS — Há semanas atrás o nosso Padre Cristóvão, estando um pouco chateado, teve uma conversa, no salão, com os estudantes. Disse algumas verdades e optámos que deveria haver um chefe de estudo para cada ano (do 5.º ao 12.º). E, desses todos, um chefe geral.

FUTEBOL — A maior parte das pessoas gostam de ver e jogar futebol. Cá em Casa também há essa mania. Ao vermos os jogos na televisão aprendemos muito. E, nas horas livres, a maioria joga o desporto-rei. Quem sofre é a bola, pois está sempre a andar de um lado para o outro. E o nosso calçado também...!

OBRAS — A lavandaria e a rouparia situavam-se longe das camaratas. Por isso, meteram mãos à obra, que avança para simplificar a nossa vida e racionalizar o nosso trabalho. Com um bom ritmo na lavandaria e na rouparia, os nossos serralheiros e carpinteiros andam de um lado para o outro como as formigas, sempre a girar.

OFERTAS — Temos recebido muitas coisas giras! E ao verem isto, os gaiatos apercebem-se que alguém, de fora, tem carinho por eles e pela Obra. Gente muito boa tem contribuído para o bem-estar e crescimento desta Casa. O nosso muito obrigado.

TEMPO — Às vezes chove, outras faz sol; e noutras vezes há nevoeiro. Deus queira haja sol até Maio. Tempo muito precioso para a roupa secar.

VISITAS — Temos recebido muitas e, normalmente, convivem connosco nos fins-de-semana e nos feriados. O nosso Padre Cristóvão, sempre muito cauteloso, apela ao chefe da Casa que a mantenha sempre limpa e arrumada. Para isso é que existem os grupos: para apanhar o lixo, varrer as ruas, despejar caixotes, etc.

Joaquim Miguel Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quando visitamos os nossos irmãos mais carenciados, principalmente os mais velhinhos, notamos que foram esquecidos pelos familiares. Não têm ninguém que lhes dê uma palavra de conforto. Sentem-se sós. Quando lhes perguntamos pelo seu passado, não são muito claros. Parece que tentam apagar da sua mente aqueles que os abandonaram. É triste, mas infelizmente deparamos com estas situações diariamente.

As famílias vivem muito desligadas umas das outras. Cada uma vive para si, esquecendo que amanhã serão eles os velhinhos — sós e esquecidos. Seria ideal se as pessoas não fossem tão materialistas, e a sua vida espiritual fosse mais sadia. Talvez assim deixasse de haver tanto egoísmo e pudéssemos ver os Outros de uma forma diferente.

Antes que seja tarde, seria salutar se as pessoas parassem um pouco para meditar em o que foi a sua vida até esse dia. Se estão no caminho certo ou se mudando um pouco os hábitos não iriam buscar algo que lhes está a escapar. Estamos no Ano Internacional da Família. Era bom que todas fossem contempladas com a palavra Amor. No entanto, a vida prega-nos muitas partidas. Teremos de estar preparados para o que der e vier... Terá que haver muito amor e compreensão entre as pessoas, principalmente entre pais e filhos. O diálogo é muito importante. Terá que haver muita abertura entre pais e filhos, que não devem ver os pais como autoridade — mas como bons Amigos. O casal deve manter o diálogo aberto para que não existam barreiras entre os cônjuges.

Somos uma família unida e feliz. Sentindo a presença do Senhor em nossas vidas, aí temos encontrado Força na caminhada. Agradecemos, Senhor, porque nos destes uma família onde reina harmonia, paz; uma família onde a alegria, a ternura e a compreensão sempre existiram, apesar do desgaste do quotidiano, sobrecarga de horários a cumprir, o tão pouco tempo para dialogar em família.

Queremos terminar, desejando a todas as famílias uma Santa Páscoa.

O QUE RECEBEMOS — Holanda, duas vezes 7000\$00; assinante 3119, 30.000\$00; J.R.D., 2000\$00; assinante 34062, 2500\$00; Castelo Branco, 10.000\$00; assinante 3359, 1500\$00; cheque de 40.000\$00 «para compra de um televisor»; assinante 113, 30.000\$00.

Muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Ano Internacional da Família Encontro de casais de antigos gaiatos

Como sabeis, estamos no Ano Internacional da Família ou, mais simplesmente, no Ano da Família.

O Ano Internacional foi iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) e acriada pela Igreja, a qual «foi enviada, por Cristo, a todas as Nações» (Mat. 28,19).

Pela Sua encarnação, o Filho de Deus «entrou na história dos homens, através da Família», onde nasceu e cresceu.

Há muito que a Igreja traz a Família no colo. Provam-no os Documentos emanados da Igreja, Cartas Encíclicas, Exortações, o Sínodo de 1980 e os vários Concílios, o mais próximo, o Vaticano II.

João Paulo II, neste Ano, escreve uma carta às Famílias com uma introdução tão afável:

«A celebração do Ano da Família oferece-me o ensejo de bater à porta da vossa casa, no feliz desejo de vos apresentar as mais afectuosas saudações e conversar convosco.»

Caros casais, também nós batemos à porta da vossa casa e do vosso coração, para vos convidar para um Encontro de casais, como há três anos fizemos, em Fátima. Desta vez em Coimbra, no nosso Lar, de 23 a 25 de Abril, sob a orientação do Dr. Abel Magalhães, do Porto, e Padre Virgílio, do Seminário de Coimbra, com o testemunho dum casal amigo, também de Coimbra. Um encontro de formação humana e cristã, organizado a pensar em todos os casais da Obra da Rua.

Vivemos muito dispersos, mas sentimos-nos felizes quando nos reunimos, precisamente porque «somos Família»! Esperamos por vós.

IMPORTANTE — Inscrições a enviar, até ao dia 10 de Abril, para: Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro, ou Casal Trindade — Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo — Telef. (039) 52731.

Maria Helena e Carlos Trindade

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

barraca, a marginalidade, o desemprego, a miséria onde o fomos buscar? Meu Deus, que essa visão se afaste!

Uma anotação: Não tem sido costume a Casa do Gaiato de Lisboa apresentar publicamente a relação dos dons que recebe. Hoje, faço uma excepção. A D. Eugénia Maria, à frente de um grande grupo, queixava-se que a sua terra nunca era escrita no nosso jornal. Até parecia que não havia aí Amigos da Obra da Rua. Claro que há Amigos e bons. Aqui fica o nosso muito obrigado aos Amigos de Rio Maior. Que o Pai escreva também o seu nome no seu coração e Feliz Páscoa.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

Diz o poeta: «Pelo sonho é que vamos». E cada um de nós caminha a passos largos a fim de nos encon-

trarmos com os nossos Amigos em festa.

Aqui, já vivemos a nossa Festa desde Janeiro. Ela é o entusiasmo da Casa. Os «Batatinhas» foram os primeiros a convocarem a experiência dos mais velhos! Fizemos reuniões. Falámos sobre a necessidade de termos responsáveis. E começámos os ensaios. Os pequeninos deram as suas mãozinhas aos mais velhos e a Festa passou a traduzir uma comunhão de tantas coisas! Envolve tantas mãos que são capazes de construir coisas tão belas! Apoiados na alegria dos nossos «Batatinhas», e também nos seus ensinamentos, estamos esperançados que serão mais alguns momentos de encontros felizes.

Quando os mais pequeninos correm nos jardins da nossa Casa, sabem parar para dialogar uns com os outros ou para se ajoelhar diante da beleza de uma flor. Os seus olhinhos contemplam aquilo que é belo e as suas vozes anunciam tudo o que é bom. Tantas corridas sempre cheias de novidades! Mãozinhas criadoras, capazes de

tocar no segredo do coração de cada um de nós. Oferecem sorrisos cândidos nesta festa comunitária, nesta festa de vida. Caminhos que nos convidam a amar profundamente a simplicidade de cada um que espera, de nós, testemunhos de bem.

De facto, a nossa vida é transformada com eles, pois

10 de Abril, domingo,
15,30 h - FORTE DA
CASA;

16 de Abril, sábado,
15,30 h - MOSCAVIDE;

17 de Abril, domingo,
15,30 h - ODIVELAS;

24 de Abril, domingo,
15,30 h - PENICHE.

Iremos também
à Benedita, Algueirão (Mem Martins), Lisboa, Loures, Torres Vedras, Rio de Mouro, Fanhões e Lourinhã.

também nos convidam a unir as mãos a fim de podermos desenvolver projectos que nos aproximam de tantos Amigos que, diariamente, de muitas formas, comungam connosco. Tudo isto é trazido para o «espectáculo» que vamos ensaiando aqui, em Casa.

A Festa é fundamentalmente um «espectáculo» que revela aquilo que somos, e seremos felizes na medida em que o conseguirmos partilhar.

Todos queremos dar as mãos a fim de sentirmos o calor que emana de tantos corações juntos pela fidelidade ao apelo permanente do «regresso a Nazaré»...

Com efeito, o núcleo desta Festa revela-se como partilha nossa e vossa; e, assim, todos cantamos a construção de uma «família» moldada dentro e fora pelo amor — como há tantos anos já Pai Américo antevia: «O padrão da Obra é a família; vida familiar».

Começamos esta Festa com o apelo dos mais pequeninos à descoberta e união da família, solicitando às pessoas que não estejam distantes umas das outras. Pois, todos juntos, compreendemos que somos

capazes de nos envolver seriamente no projecto de vivermos a profundidade do amor em família.

A Festa — como «importante contributo na missão de fazer homens para servir» —

traduzirá e revelará o «encontro» desta outra grande «família» — pelo sonho, imaginação criativa, alegria e vida de cada rapaz.

José Manuel dos Anjos Nunes

DOCTRINA



As realidades eternas não se vêem
S. PAULO

PARECE não fazer sentido que eu ande a chamar nomes feios e a dizer mal do dinheiro a toda a gente, quando é certo que, como qualquer mortal, também eu lhe sigo a pista e vou buscá-lo onde está, nem que seja à barriga dos peixes onde Pedro o encontrou. Mas, sim, faz sentido; e a razão do paradoxo é que não se procura o dinheiro pelo dinheiro, mas sim pelo Bem que com ele se pode fazer.

O valor de todo o apostolado não se vai buscar às facilidades nem à abundância, mas sim à míngua e aos sacrifícios que a gente faz no trabalho de realização, cujo trabalho, para valer, há-de ser o fruto quotidiano de uma intenção escrupulosamente recta e do desejo de acertar; a menos que se corra o risco de trabalhar em vão. É necessário que a zona de acção seja de tal maneira escolhida e com tanta sinceridade procurada, que aqueles a quem socorremos e amparamos, sejam eles mesmo o verdadeiro socorro e amparo da Obra.

NO caso da Obra da Rua, não procures nem aprecies o seu êxito nas passadas de quem por ela trabalha, que esse vem de muito mais fundo e tem alto significado; há-de ir buscá-lo, sim, ao seio dos que resignadamente sofrem a sua pobreza, esquecidos dos homens e notados de Deus — verdadeiros operários deste apostolado, por amor dos quais lhe vem toda a fama e toda a glória. É absolutamente impossível que as obras assim realizadas, não sejam da ala dos namorados, mais pelo bem que fazem a quem nas conhece do que mesmo àqueles que delas vivem. A força espiritual ainda hoje ocupa no mundo o primeiro lugar, sofrendo dolorosamente a sua falta quem procurar substituí-la. Pois como não há-de interessar esta página, ser gulosamente saboreada, se ela traz nas suas letras casos vivos que prendem corações? E como não há-de progredir, se cada caso exposto é a razão de ser do seu progresso? Eu não faço frases nem conto histórias.

OS pequenos da Casa do Gaiato, no repouso que fazem, trabalham, ganhando diariamente, por si mesmos, a alimentação própria e a de quem nos serve. Em vez de beneficiados, como parecem ser, são os benfeitores da Casa. Cada um traz em sua vida pequenina a história de grandes erros de muitos e, porque inocentes, Deus não lhes falta para que um dia possamos ver que Ele é justo no castigo e justo na recompensa. O mais pequenino deles foi retirado pela Justiça à malvez de um casal amancebado que o espancava e retinha em certo lugar, atolado em «substâncias excrementícias» como o Juiz mandou traduzir, que as quatro testemunhas, essas falaram português. Outros casos são, na ordem moral, bem mais repugnantes; já passaram pela Casa do Gaiato, até à data, quarenta e dois catraios em cura, todos vítimas inocentes dos erros da Humanidade. Muitos obreiros desta Obra trabalham dentro de suas mansardas, ocupados na doença, na penúria, na viuvez, na velhice, que a Obra da Rua não fica no garoto, mas tem grande rede de trabalhadores, por isso prospera dia a dia aos olhos de toda a gente.

O. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

SETÚBAL

Continuação da página 1

filho que nasceu na rua.

Ontem encontrei-o sentado numa pequenina secretária da sua enfermaria a fazer desenhos e a escrever o que lhe apetecia, repetindo várias vezes o seu nome completo, em alegria e espontaneidade encantadoras!

É bom que se divulgue não só a capacidade técnica do banco do Hospital de S. José, mas sobretudo que ali há Homens e há Mulheres.

As nossas Festas

Ensaiam-se a todo o vapor! Com as obras no salão, os preparativos atrasaram-se. Fomos obrigados a interromper os trabalhos para utilizarmos a casa que ficará uma verdadeira oficina de artistas.

O tema que dominará o espectáculo será a influência da natureza na sublimação dos sentimentos dos rapazes — segundo a experiência do Padre Américo e nossa, nas Casas do Gaiato. Preparem-se os Amigos para um magnífico espectáculo.

Padre Acílio

A FAMÍLIA

ESTAMOS a celebrar o Ano Internacional da Família. Os filhos, por vezes, parecem obstáculo à boa harmonia familiar. Há casais que não os querem. Alguns, querem só um. Outros, dois. Ainda outros, aceitam três. Contas económicas.

Há os que aceitam os filhos como dom de Deus. Os dons de Deus não são para recusar. Eis alguns testemunhos:

Quinze filhos

Sempre encontrei este casal em três lugares: nos Correios onde eram trabalhadores chefes, na Igreja onde se mostravam cristãos conscientes, nas casas dos Pobres que procuravam amar como irmãos. Nunca tiveram casa própria nem transporte seu. Aceitaram os filhos que Deus lhes deu: — *Criámos os nossos com muito sacrifício, mas Deus abençoou-nos e a eles.*

Já com oitenta anos o casal mudou de cidade para a companhia de filha solteira, empregada, para uma casa que um genro pôs à sua disposição. Nesta cidade vivem vários que nutrem grande carinho pelos pais. Têm a alegria duma filha religiosa carmelita.

Há pouco, Deus chamou a esposa com 93 anos. O marido sentiu profundamente a morte da companheira de tantos anos: — *A minha mulher deixou-me muitas saudades, desabafou ele com a voz embarçada pelas lágrimas. Fiquei encantado com o seu testemunho de carinho que recebe dos familiares. Dei conta disso, na neta que veio ver o avô e num instante preparou a merenda e sentou-se connosco à mesa.*

No dia em que fez 94 anos reuniram-se os filhos ao almoço. Que alegria de família unida! — *Só tenho pena de não ouvir e ver bem; paciência.* Desabafava ele com ar sorridente.

Acredito na comunhão dos santos.

Dez

Ainda há dias nos encontrámos. Casal feliz. Os seus dez filhos são o melhor tesouro que Deus podia dar.

Conheci todos na Igreja da sua paróquia. Cristãos activos no grupo coral, nas várias comissões, nos diversos grupos pastorais, na Conferência Vicentina.

Nos 70 anos do pai juntaram-se à mesa. Uns vieram de longe, de avião; outros, de mais perto, em seus carros. Nenhum faltou. Fizeram uma grande festa. Já há seis anos que não se juntavam todos. — *Para os meus filhos os seus melhores amigos são os irmãos,* desabafou o pai com muita alegria.

Onze

Família humilde. São todos muito trabalhadores. Vivem em várias terras do País e outros procuraram vida no estrangeiro. Família cristã.

O sexto filho é sacerdote. Acabou os estudos no Seminário e foi tirar uma especialidade à Bélgica, sendo estudante-trabalhador.

Muito amigos uns dos outros. Estimam o pai que ficou viúvo e continua a viver em sua casa. São todos felizes.

Nove

Família exemplar na terra onde nasceram e alguns ainda vivem. Os pais eram feirantes. Saíam de manhã, de casa, e só regressavam à noite. Os filhos ficavam e os mais velhos tomavam conta dos mais novos. Assim se criaram — conscientes e responsáveis.

Vivem todos bem. Um deles é Bispo da Igreja. Outro, professor, dá aulas numa Universidade. Cada um procura ser bom trabalhador. É uma família responsável na Igreja e na Sociedade. Muito amigos uns dos outros. Procuram encontrar-se muitas vezes. Aproveitam todas as ocasiões para fazer festa: são aniversários, são baptizados, são festas da terra, é a matança do porco, são datas que aparecem.

O pai faleceu e deixou muitas saudades a todos. A mãe viúva cada vez parece ter mais amor aos filhos e eles mais amor à mãe.

Os filhos continuam a ser uma bênção de Deus.

Padre Horácio

CARTA DE MALANJE

A FINAL cheguei a Malanje mais depressa do que supôs: vinte e quatro horas desde a saída da Casa de Maputo à entrada no Seminário de Malanje que ora nos abriga. Os Padres Jesuítas em Luanda, que me acolheram aquela noite, foram incansáveis; e o Responsável-mor pela Caritas conseguiu o resto: boleia num cargueiro da PAM que me poitou em terra malanjina às treze e meia.

Encontrei Padre Telmo a sair para a cidade, surpreendido pela ausência de notícias esperadas e agora pela presença em carne e osso. De Maputo o nosso Álvaro — «tio Álvaro» como os pequenos o tratam — telefonou para Luanda e deixou recado muito a tempo. Simplesmente aconteceu o que é vulgar nas nossas Casas: o recado não foi transmitido aos Padres, que também não preveniram Padre Telmo; mas, por ser dia de avião de Moçambique, foram ao aeroporto a ver se vinha... e lá nos achámos. Se não era a bondosa providência destes irmãos, tinham começado aí os problemas que, felizmente, morreram antes de nascer! As nossas linhas tortas e Deus que escreve por elas direito — verdade tantas vezes experimentada!

Cheguei, pois, com o coração alvorçado. Por um lado a alegria de obstáculos vencidos

com facilidade imprevista, temperada pelo sentimento de não merecer tanta graça; por outro, a tristeza que meus olhos viram.

Luanda

Luanda, atravessei-a em corrida aquela manhã. Não me apercebi de sinais de guerra, mas a deterioração de prédios e de ruas, o desarranjo e a incúria são patentes. No aspecto humano chocou-me a desordem e irresponsabilidade que encontrei nos poucos, mas todos os contactos havidos com serviços que não resolvem nem sequer atendem. Em Moçambique, felizmente, quem chega e quem passa não sofre tão frustrante impressão. Há outro brio e delicadeza no acolhimento.

Malanje

Em Malanje, porém, a dor foi mais funda. Desde a graciosa Estação do Aeroporto, pequena mas que avultava no morro onde as pistas se situam, por toda a rua em que se passa, não há parede sem marca de balas ou estilhaços de granadas, não há prédio sem a maioria dos vidros partidos; altos prédios

que ficaram na estrutura enegrecida pelo tempo, moradias que foram lindas hoje degradadas, sem cor, sem habitantes, ruas de asfalto destruído e cheias de buracos, jardins sem canteiros nem flores... E à noite, sem iluminação, atravessar a cidade e as suas sombras faz medo.

Há dezasseis anos, quando aqui estive a última vez, ainda não era tamanha a desolação e já então me pareceu uma cidade fantasma. Agora, de dia, nem tanto, pelas multidões que enchem as suas praças para receber alimentos que Organizações Humanitárias ali distribuem. Mas estas multidões significam a desertificação de todos os povos em volta da cidade — gente que tinha a sua casa, as suas lavras, a sua subsistência garantida no essencial. Agora são as aldeias destruídas, as lavras queimadas, e com elas quantas árvores de fruto e os milhares de hectares do Perímetro Florestal consumidos em lenha e carvão. Se a cidade com a sua dimensão humana multiplicada não sei quantas vezes é um quadro aflitivo, não é menos a visão dos restos dessas aldeias devastadas e o pensar nos problemas humanos (alguns irreversíveis) que esta migração importa.

A nossa Aldeia tão linda...

No caminho da nossa Casa é este o panorama. Só ao chegarmos lá (e lá é o limite aonde se pode ir) encontramos ainda arvoredo e no meio dele aquela Aldeia tão linda a dominar a proa de um barco, definida pelas linhas de água que alimentam a lagoa maior. Apesar dos maus tratos que tornou a sofrer já depois de Padre Telmo ter regressado, ali é um oásis de beleza, de paz e de Esperança. O pequenino grupo que lá reside e o outro que todos os dias se lhe junta, continuam restaurando as casas, limpando caminhos, preparando terrenos para feijão, mandioca e batata doce. Ontem mesmo, Joãozinho e seus homens plantaram um pomar de mamoeiros. Será que comeremos destes frutos?... Joãozinho e seus homens plantaram mesmo! Enquanto Padre Telmo sonha o regresso ali da Comunidade. E não só ele! Os rapazes anseiam também pela sua Casa.

Com a paz, tão desejada e tão urgente, que venha depressa o fim deste nosso éxodo. Quem dera a Páscoa nos trouxesse já essa graça de Ressurreição!

Padre Carlos

Malanje dia-a-dia

Continuação da página 1

seu braço e implorou com o olhar... Aquele baixou a arma e ambos desceram pela colina.

O urso poupou a vida ao caçador. Este poupou a vida ao urso. Não foi capaz de disparar, nem deixou que o companheiro o fizesse.

Respeitar sempre os Outros, os animais e as

plantas. Ter muito carinho com os rapazes que vão entrando; recebê-los bem.

2/2/94

Mãe Maria, viúva, tem aspecto de santa de altar, mas com fala e corpo que anda; e vive o evangelho lá no «quintal - terreiro - murado» de sua casa modesta. Os seus filhos, já casados, não lhe dão trabalho. Ela cuida, a tempo inteiro, das crianças e dos mais pobres. Irmã Amélia orienta e dá gêneros. Mãe Maria transforma em comida e carinho. Este lê-se

no chão batido como «óleo a escorrer».

Apetece-nos pôr a mão no seu ombro, onde passa com graça o pano comprido, enquanto olhamos o lume onde, num grande panelão, metade dum tambor ferve e referve a canjica (milho com feijão).

Comem ali, sob o olhar calmo e doce de mãe Maria, duzentas crianças e cento e vinte velhinhos.

Quanto nos apetecia ficar ali mesmo — rachando lenha e pondo achas no lume...

Fomos lá hoje com a Irmã Amélia levar mais uma velhinha com um neto. Uma velhinha, até repelente pelo seu estado de magreza. Mas o

carinho com que foi recebida! Não mais se apagará em mim esta maravilhosa lição de acolhimento!

7/2/94

Dia das chagas do Senhor!

O Seu sangue escorrendo! As pingas que vão deixando no chão um sinal acastanhado!

Nós, loucos, não olhamos nem sentimos o sangue escorrendo... Tantos, desconhecem; outros, desprezam este grande Amor.

Peçamos-Lhe o dom de o sentir não só nas Suas chagas, mas em cada gesto da Sua criação.

Como o veado teremos sede e procuraremos com ânsia os seus regatos cristalinos...

Padre Telmo

PASSO A PASSO

Dia do Pai

TODOS precisamos de um Pai. O próprio Jesus também precisou...

Hoje muitos me chamaram de pai... Talvez por saberem que dia é!

Foram os mais pequeninos, cheios de inocência e ternura falando com a boca e os olhos brilhantes! E foi o «Ciganito» a provocar-me uma gargalhada quando me disse no seu gaguejo habitual: «O sr. Padre Júlio é o meu melhor inimigo!» Por fim o Daniel, que me acompanhava algumas vezes com a sua presença silenciosa mas rica, que me veio bater à porta quando escrevia estas linhas: «Sr. Padre Júlio, posso ficar aí um bocadinho consigo?»

As crianças precisam de um pai. E como pode alguém ser pai se não tiver filhos? Adoptivos ou do próprio sangue, que importa? O importante é que cada um dê e receba vida!

Fiz-lhes ver no fim do Terço, que é o Dia do Pai porque é Dia de S. José. E é Dia de S. José porque José aceitou ser o pai adoptivo de Jesus. Curioso ter sido Rui «Gordo» o único que sabia ser o Dia de S. José, também ele carpinteiro como o companheiro de Maria!

As vivências da paternidade neste dia não acabaram aqui. Agora mesmo tive de interromper de novo a escrita e ir dar de comer ao «Coiote» e ao Bruno que vinham já tarde da vacaria e nada sobrara para eles do nosso jantar. Deliciaram-se com certeza com umas conservas de cavala que lhes pus na mesa que um senhor há dias oferecera, acompanhadas com um pedaço do nosso pão!

No regresso ao escritório metem-se no meu caminho o «Truta» e o Carlos.

- Que é que quereis?
- Queremos ir consigo!
- Mas eu estou a escrever e não tendes lá nada para fazer!
- Não importa, nós ficamos quietinhos!

E ficaram!

Precisam de um pai.

José queria antes de tudo cumprir a lei, no respeito profundo por Maria: Queria repudiá-la em segredo! E por este seu amor a Deus arriscou tudo e aceitou-A na sua condição...

Amor a Deus antes de tudo. Ter um pai ajuda muito a conhecer o Pai. E um só é o nosso Pai e nós somos todos irmãos!

E as feridas imprescrutáveis que estes meninos têm? Só o Pai as pode curar porque só Ele as conhece bem! Cura-os Senhor, tens-nos como instrumentos nesta «cirurgia» do Amor.

Padre Júlio

Cinquentenário d'O GAIATO

Continuamos a receber correspondência assinalando expressivamente os cinquenta anos do «Famoso». Muitas almas cheias!

Éis uma presença significativa:

«A O GAIATO e a todos quantos nele têm trabalhado para nosso proveito e conversão ao Mundo dos Pobres, em nome da Confissão Episcopal Portuguesa o Secretário vem endereçar os mais fraternos Parabéns e votos, e dizer-se orgulhoso do testemunho de Justiça, de Liberdade e de Amor que essas páginas do Evangelho nos têm transmitido!»

A voz da Igreja.

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

Retomar uma tradição

PASSEI nesta Quaresma por algumas Igrejas, de Coimbra, a pregar e a pedir. Nós, os Padres da Rua, temos obrigação de uma e de outra: pregar e pedir. Foram encontros muito ricos. Em quase todas as Comunidades se respira um ambiente de fé e uma busca ardente da Palavra de Deus. Também há sinais de compromisso.

Os nossos encontros são marcados pela força da Palavra de Deus tão rica de orientações para uma vivência quaresmal em profundidade. E, a concretizar, a nossa vida. São pequenos 'nadas' de um viver íntimo de comunhão com Deus presente na vida dos Pobres. É um chamar a atenção para que a fé em Jesus Cristo não pare no esclarecimento da razão, mas vá à vida e se torne testemunho. São momentos de uma comunhão viva com os cristãos reunidos para celebrar a Eucaristia — memorial da entrega do Senhor por nós — e a nossa resposta a tanto amor.

Nós, os Padres da Rua, temos obrigação de ir e pedir. Pedimos e também damos. Alguém me dizia: «Deveis vir mais vezes...

Há muita gente que precisa de ser abanada». A nossa vida, na Casa do Gaiato, sofre os abanões da sociedade, particularmente dos abanões de que é vítima a Família. Nós precisamos de abanar muita consciência adormecida para os problemas dos Outros, dos sem-casa, sem-família, sem emprego. Nem sempre encontraremos respostas adequadas e imediatas para fazer face aos problemas que nos cercam. Mas temos obrigação de nos inquietar e interrogar sobre os passos que já demos. Ao menos isso, para não nos fecharmos totalmente nas nossas seguranças. A resolução dos problemas que nos cercam passam pelo contributo indispensável de cada um de nós.

E, nós os cristãos, devíamos ser os homens e mulheres de sensibilidade experimentada no acudir e dar a mão à nossa volta. É uma exigência decorrente da nossa própria fé.

Penso que a nossa passagem pelas Comunidades Cristãs se revela uma boa preparação para a Páscoa de todos. O repartir do pão conosco é uma concretização que nos deixa sempre de mãos postas. É um gozo antecipado da Páscoa do Senhor.

Padre João



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Panófilo
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500768898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Março: 73.000 exemplares